

ANALISE FUNCIONAL DA ELIPSE DE PREPOSIÇÕES EM PORTUGUÊS

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

RESUMO

Neste texto, pretendo, em primeiro lugar, descrever e analisar os contextos em que ocorre elipse de preposições no português coloquial.

A seguir, com base nos estudos realizados por Pontes (1981) e Haiman (1983), apresento uma tentativa de explicação para os fatos analisados, que leva em conta a função das preposições no discurso.

ABSTRACT

What I intend to do in this paper is, first, to describe and analyse the contexts in which there is ellipsis of prepositions in colloquial Portuguese.

Next, on the basis of Pontes's (1981) and Haiman's (1983) studies, an attempt is formulated in order to explain the facts already analysed. The explanation presented is based on the function of prepositions in discourse.

1. Introdução

Neste trabalho, vou apresentar minhas observações iniciais a respeito de um assunto que pretendo continuar investigando e que faz parte de uma pesquisa mais ampla, realizada em grupo e coordenada pela Profa. Dra. Eunice Pontes, cujos objetivos gerais são: *descrever e analisar alguns aspectos de português contemporâneo, tal como é falado em Belo Horizonte, por um segmento da classe culta: informantes de nível universitário, numa faixa etária de 25 a 50 anos.*¹

É meu objetivo buscar respostas para as seguintes indagações, que me ocorreram a partir da leitura de Lemle (1982) e da análise de alguns dados detectados na língua oral:

1. Qual é o conceito de *preposição* e qual a sua função no discurso?
2. Realmente justifica-se considerar a classe das preposições como a mais ampla, nela incluindo a dos advérbios? (Cf. Lemle, op. cit., p. 254) Ou aí seriam arrolados apenas os itens léxicos tradicionalmente chamados de *preposições essenciais*?
3. Por que em certos contextos da língua oral algumas das *preposições essenciais* podem ser omitidas, enquanto em outros isso não ocorre? Quais preposições podem ser elididas? Que explicação(ões) de ordem funcional justificaria(m) a sua presença ou omissão?

Na fase atual de minha pesquisa, estou procurando respostas para as perguntas de 3., visando, em etapas posteriores, a chegar a respostas para 1. e 2..

De início, o que me chamou a atenção para o problema da elipse ou não de preposições foi a seguinte afirmação de Lemle (op. cit., p. 256), a respeito do português:

A possibilidade de nós vazios, que constatamos em todos os outros tipos de sintagma, não existe no sintagma preposicional. Não há preposição elíptica.

Embora seguindo uma linha teórica diferente, também Mattoso Câmara (1964:283) assevera:

Com o esvaimento das flexões casuais as preposições se tornaram o morfema de relação específico para o adjunto e o complemento; só não aparecem no complemento de objeto direto (ex: vi teu amigo) e alguns complementos circunstanciais em certas condições (ex: falei duas horas).

No verbete Regência (op. cit., p. 296), o autor esclarece que a omissão de preposições a que se refere se dá em complemento de tempo indicando ocasião ou duração [ex: Sai sábado: Sai no sábado - E o meu suplício durará por meses, Herculanô, Poesias, 73; durará meses] (...).

Portanto, a partir dessas observações, a primeira hipótese que levantei foi mesmo a de que não há elipse de preposições em português, a não ser nos contextos salientados por Mattoso Câmara.

Na língua oral, encontrei dados que, a princípio, poderiam corroborar tal hipótese:

- (1) Vamos saber se ele está disposto a.
- (2) Quando este observa a menina, verifica que esta nasceu sem.

Nos dois exemplos acima, o enunciado terminou na preposição e o elemento elidido foi o *conseqüente* (usando uma terminologia tradicional). A comunicação efetuou-se com clareza, no entanto, pois, em ambos os casos, foi possível recuperá-lo no contexto discursivo. Assim, por exemplo, quando (2) foi proferida, o falante referia-se ao *complexo de castração*. Embora o *conseqüente* da preposição não tenha sido explicitado, no discurso ficou evidente que se tratava do órgão genital masculino.

Pontes (1981), estudando construções com tópico em português, apresenta os casos abaixo, que também parecem comprovar a hipótese acima levantada:

- (3) Eu, café eu gosto tanto sem açúcar como com.² (p.416)
- (4) Esse quebra-molas, a gente devia processar eles, contra. (p. 420)

Prosseguindo no levantamento de dados, porém, encontrei uma série de exemplos da língua oral que servem de evidência contrária à conclusão de que não há elipse de preposições em português.

2. Contextos em que ocorre elipse de preposições

A seguir apresento uma descrição dos contextos em que detectei omissão de preposições.³

2.1. Com complementos verbais ou nominais topicalizados, em relativas ou não:⁴

- (5) (...) é uma coisa (de) que eu queria participar.⁵
- (6) Adivinha (com) quem eu tomei um cafezinho hoje ...
na Praça Sete?
- (7) (De) Quem é que eu não li as notas?
- (8) Aquilo (com) que a Graça Paulino trabalha dá uma
linha de pesquisa jóia.
- (9) É (com) isso que eu estou trabalhando.
- (10) A gente sempre acha que é óbvio aquilo (com) que a
gente está lidando diariamente.
- (11) Essa coisa de linha de pesquisa é uma coisa (de) que
a gente tem que tomar conhecimento cada vez mais.
- (12) É uma coisa (com) que a gente não pode concordar não.
- (13) Pretendia colocar à disposição das pessoas uma bi-
bliografia (a) que muita gente não tem acesso.
- (14) (De) Coisa espalhada no meio da casa eu não quero
saber não.
- (15) (De) Isso aqui eu não vou precisar mais.
- (16) (Em) A última revista veio uma reportagem de uma pro-
fessora de Bauru.

Embora não tenha, ainda, estatística dos dados, percebo que a elipse de preposições em estruturas como essas é muito frequente, ocorrendo, inclusive, em alguns casos de língua escrita, em modalidades diferentes, como os que anotei:

- (17) Os critérios (de) que os gramáticos e os lingüistas
têm-se valido para definir sujeito são (...).(Prova
de aluno do 5º período da FALE/UFMG)
- (18) (...) e resolvi ir ao Centro para conhecer onde tem
aquilo (de) que a gente sempre precisa. (Carta fa-
miliar)

Nesses contextos mencionados acima, verificamos que as preposições elididas são: a, com, em e de. Como argumentarei na próxima seção, parece que a elipse desses elementos foi possível, nessas estruturas, porque a relação sintático-semântica entre os complementos e os verbos e nomes foi preservada, isto é, a preposição não é indispensável para estabelecê-la, uma vez que ela é, de alguma forma, previsível.

2.2. Com complementos nominais ou verbais não-topicalizados, na ordem básica:

- (19) Eles têm o maior respeito (para) comigo.
 (20) Eu tenho a sensação (de) que realmente existe, existem outros mundos (...).
 (21) O argumento (de) que o alcance semântico do locativo é o sujeito (não é válido).
 (22) (...) tenho impressão (de) que ele deve ir depois do almoço (...).
 (23) Em São Paulo as ruas são todas assim: as perpendiculares são preferenciais, as transversais são... é... tem de parar(em) cada esquina.

A esses exemplos gostaria de acrescentar os que seguem, colhidos na própria tese de Lemle (op. cit., p. 267):

- (24) a minha certeza (de) que tenho razão.
 (25) sabedor (de) que ninguém concordaria com a decisão.

Nos casos de (19) a (25), as preposições elididas são para, de e em.

2.3. Pode-se destacar como um contexto independente dos dois acima referidos, o dos *verbos de movimento*, com os quais é usual a omissão das preposições em ou para introduzindo o *complemento adverbial*, quer este venha topicalizado, quer ocorra na ordem básica, mas seja representado por dêiticos como cã, lã, etc. Exemplos:

- (26) Não. (Em) Brumadinho eu ainda não fui não. Só se ocês foram (...). (Em) Itaguara eu não fui não (...).⁶
 (27) Ah! (Em) Igarapê eu fui.
 (28) (Em) Esse lado o senhor já foi.
 (29) (...) cê puxa a alavanca outra vez aqui... traz (para) cã... ele joga o cartucho pra fora, vai pra cã ... e leva outro cartucho (para) lã (...).

2.4. Com alguns verbos, a freqüente elipse da preposição, na língua oral, sugere-nos que está, inclusive, ocorrendo uma mudança de regência.

Cito apenas alguns casos, para ilustrar:

- (30) Precisar - É. Muita junção. Precisa muito desnível.
 (de)
 (31) Conversar - (a) Os caras conversam as coisas muito

espontaneamente. (sobre)

(b) Aliás isso que nós conversamos já dá pra botar a orelha em oã. (sobre)

(32) Roubar - Pelo jeito vocês vão roubar alguém hoje. (de) - significando roubar (algo) de alguém)

(33) Lembrar - (...) a senhora também me lembra... me lembra que eu quero ver at... (de)

A propósito do último verbo, deve-se salientar que a elipse do de é atestada, inclusive, na língua literária, conforme salienta Nascentes, em O Problema da Regência (1967:136).

3. Tentativas de Explicação

Não é suficiente constatar que há elipse de preposições na língua oral, em contextos como os descritos acima. É necessário buscarmos uma explicação para os fatos analisados. Por enquanto não posso adiantar muito nesse sentido, ou seja, não tenho respostas definitivas para as perguntas que fiz: *Por que em certos contextos algumas preposições podem ser omitidas e em outros isso não ocorre? Quais preposições podem ser elididas? Que razão (ões) de ordem funcional justificaria(m) a sua presença ou omissão?*

No entanto, as posições de alguns autores que consultei talvez nos ofereçam pistas interessantes para começar a explicar os dados observados. Assim, Eunice Pontes, por exemplo, no trabalho já referido neste estudo, afirma:

(...) a Prep. não é usada quando as relações são obviadas através da cadeia da frase (posição sintática, regras do discurso). Quando surge alguma necessidade dela, então ela é usada. (Pontes (1981:420 - 1))

Essa necessidade, esclarece a autora, por ser clareza, ênfase ou outra razão.

Tal explicação poderia justificar, por exemplo, o uso da preposição nos dados de (2) a (4), em que o conseqüente está elíptico.

- (2) Quando este observa a menina, verifica que esta nasceu sem.
- (3) Eu, café ou gosto tanto sem açúcar como com.
- (4) Esse quebra-molas, a gente devia processar eles, contra.

Só com a presença de sem, em (2), com, em (3) e contra, em (4), as relações entre os elementos relevantes podem ser explicitadas. A elipse dessas preposições prejudicaria a comunicação. Para ilustrar, vejamos, por exemplo, que, no último caso, cancelando-se contra, teríamos a estrutura Esse quebra-molas, a gente devia processar eles que, no mínimo, seria ambígua, levando-nos a uma interpretação anômala - a de que os quebra-molas deveriam ser processados. Tanto o falante percebeu a estranheza da construção, que acrescentou logo em seguida a preposição contra, deixando explícito o que desejava comunicar.

Por outro lado, podemos observar que numa frase como

- (8) Aquilo (com) que a Graça Paulino trabalha dá uma linha de pesquisa jóia.

pôde ocorrer a elipse da preposição, sem prejuízo para a clareza, porque, no contexto lingüístico e pragmático em que foi proferida, ficou evidente a relação - *trabalhar com aquilo*.

Ainda, com referência a casos como os de

- (21) O argumento (de) que o alcance semântico do locativo é o sujeito (não é válido).
 (22) (...) tenho impressão (de) que ele deve ir depois do almoço (...).
 (24) a minha certeza (de) que tenho razão.

constatamos que a preposição pôde ser omitida, uma vez que as relações entre o nome e seu complemento estão claras, não havendo, por exemplo, possibilidade de interpretar as orações iniciadas por que como relativas. A propósito, ao dado

- (24) a minha certeza (de) que tenho razão.

Lemle (op. cit., p. 267) contrapõe este outro, com relativa:

- (34) a certeza que ele demonstrou.

que pode ser usado para evidenciar o que estou afirmando.

Um outro autor que, talvez, também nos ofereça subsídios para responder às indagações relativas à elipse ou não de preposições em português, é Haiman (1983), em seu texto "Iconic and Economic Motivation."

De acordo com ele, quanto mais imprevisível é uma informação, mais codificações ela exigirá (op. cit., p. 802), ou ainda a que é previsível recebe menos codificação do que aquilo que não é. (id., p. 807). Tal posição aparece, também, na seguinte passagem: não se especifica o que já é conhecido ou o que não é importante (...). (id., p. 802).

Os dados que analisei até o momento parecem comprovar essas afirmações. Ou seja, é possível que a elipse de certas preposições, em contextos como os descritos na seção anterior, se deva ao fato de essas preposições serem, de alguma forma, previsíveis nesses contextos. Portanto, a previsibilidade desses itens léxicos, ou melhor, da relação que eles estabeleceriam, dispensa a sua codificação, para usar a terminologia de Haiman. Eles podem ser elididos, porque as relações são preservadas.

Pude observar, ainda, no corpus examinado, que a preposição omitida é previsível por uma das seguintes razões:

1. ela é o único *regime* do verbo ou do nome, isto é: só ela caberia na construção analisada;
2. o contexto discursivo ou pragmático é suficiente para recuperar a relação que ela estabeleceria.

Assim, por exemplo, as sentenças

- (12) É uma coisa (com) que a gente não pode concordar não.
- (14) (De) Coisa espalhada no meio da casa eu não quero saber não.
- (15) (De) Isso aqui eu não vou precisar mais.
- (19) Eles têm o maior respeito (para) comigo.
- (20) Eu tenho a sensação (de) que realmente existe, existem outros mundos (...).

confirmam a hipótese (a), acima.

Pode-se constatar, também, que em muitos desses casos, parece que, se a preposição viesse explícita, teria a função apenas de estabelecer a conexão, seria um elemento coesivo somente, sem um conteúdo *semântico* específico, que contribuísse para o significado total da estrutura.

Por outro lado, há preposições que, em certas construções, além da função conectiva, trazem também *carga semântica*, relevante para a determinação do tipo de relação a ser estabelecida entre os elementos que ligam. Parece-me que essas preposições, de um modo geral, só podem ser elididas em casos como os de 2., acima

citado: quando são previsíveis no contexto discursivo e/ou pragmático, isto é - o contexto elimina possíveis ambigüidades, privilegia a escolha de uma preposição sobre outras também possíveis no mesmo ambiente, o que faz com que a comunicação se efetue adequadamente, mesmo sem a preposição.

Podemos ilustrar esse fato com o seguinte exemplo:

(35) Será (com) que preço eles vão vir?

Quando esta sentença foi emitida, ficou claro que o falante se referia à estrutura - com que preço eles vão vir? e não pra que preço eles vão vir?, também possível nesse ambiente lingüístico, e que poderia ser a interpretação correta em outra situação.

A análise de verbos como - trabalhar, conversar, falar, discutir, etc. - que podem ocorrer, em princípio, com mais de uma preposição, oferece, ainda, evidência em favor do que foi afirmado. Retomemos alguns exemplos:

(9) É (com) isso que eu estou trabalhando.

No contexto lingüístico em que essa sentença ocorreu, a relação era previsível; portanto, não houve necessidade de ser explicitada pelo item léxico com. Numa tentativa de verificar minha hipótese de previsibilidade de tal elemento na construção (9), testei-a, fora do contexto, com alguns informantes. Confirmando minhas expectativas, a preposição que a maioria deles recuperou foi com, e alguns salientaram também a possibilidade da ocorrência de em. Nenhum, todavia, mencionou como prováveis nesse contexto os elementos para ou contra. E observe-se que são possíveis estruturas em que eles aparecem:

(36) É pra isso que eu estou trabalhando.

(37) É contra isso que eu estou trabalhando.

ou

(38) É isso que eu estou trabalhando contra.

Parece-me, pois, que a imprevisibilidade do aparecimento das preposições para ou contra, nesse ambiente, faz com que seja necessário explicitá-las, quando a informação que se deseja transmitir é a contida em (36) a (38) acima.

Observações semelhantes a essas cabem, também, para a análise de dados com o verbo conversar. Considere-se, novamente:

(31b) Aliás isso (sobre) que nós conversamos já dá pra botar a orelha em pé.

Nesse exemplo, o complemento do verbo é marcado com o traço [- animado]. Portanto, não há a opção entre com ou sobre, que existe quando o complemento é [+ humano]. Isto significa que a relação entre o verbo e o complemento é totalmente previsível, em (31b). De acordo com a hipótese aventada, não haveria necessidade de ser explicitada pela preposição, como, realmente, ocorreu.

Essa construção, como já disse, é um caso vivo de mudança de regência que se está processando na língua oral. Para confirmá-la, testei a sentença (31b), fora do contexto, com meus informantes. Todos foram unânimes na afirmação de que não teria ocorrido eclipse de preposição alguma, nessa estrutura.

Por outro lado, tendo o complemento verbal o traço [+ humano], os fatos são outros, pois nem sempre é previsível que preposição poderia ocorrer: com ou sobre. Pode-se conversar com alguém ou sobre alguém. Como não apareceram, no corpus que analisei, exemplos dessa natureza, construí algumas sentenças com esse verbo, com os mesmos tipos de estrutura de outras que apresentei na seção anterior - exemplos de contextos em que preposições são omitidas. Em seguida, testei tais exemplos, fora de contexto, com vários informantes. Vejamos:

(39) Médico, a gente conversa muito lá em casa.

(40) O menino que nós conversamos não veio hoje.

(41) Foi a nova secretária que eu conversei.

Os resultados obtidos foram os seguintes: a maioria dos informantes aceitou bem (39) e (40) e recuperou a relação que seria estabelecida por com. Alguns, no entanto, consideraram pouco normais tais sentenças, enquanto outros recuperaram a preposição sobre. Nenhum, contudo, aceitou (41). Todos a consideraram "estranha", sendo que alguns, inclusive, argumentaram que o único sentido possível para esse verbo, nessa sentença, seria o de 'cantar'; 'passar o bico em'. Portanto, o que fica da análise das orações (39), (40) e (41) é uma confirmação do que já disse anteriormente. Como as preposições com ou sobre não são previsíveis no ambiente dado, fora de que um contexto qualquer, elas não podem ser omitidas sem prejuízo da comunicação. Em outras palavras, fora de contexto, para que as sentenças (39), (40) e (41) sejam adequadamente interpretadas, é preciso que as preposições

apareçam explicitamente. A informação expressa por elas não é recuperável.

Um outro exemplo, anotado no momento em que foi proferido, confirma a posição que Haiman defende:

(42) Mãe, onde é que fica aquela sala bonita que ocê fala tanto nela?

Parece-me que, com o verbo falar, as relações mais comumente estabelecidas são com de (especialmente com objeto [- animado]) ou com (se o complemento é [+ humano]). Logo, é possível que tais preposições sejam omitidas nos ambientes adequados. Encontrei, por exemplo:

(43) Pra ocê entender, a compreensão... a distância do referente, (de) que a gente fala(...).

Mas, para aumentar meu corpus, testei frases como:

(44) O menino que eu falei não veio.

que, em princípio, fora de contexto, poderia ser interpretada como uma série de sentenças, com preposições as mais variadas, como: de, sobre, com, em, por, para e contra. Meus informantes, no entanto, aceitaram (44) sem maiores problemas, mas só recuperaram ou de ou com. Mais uma vez, isso veio confirmar, a meu ver, a hipótese de que algumas preposições têm mais carga semântica do que outras - dependendo dos elementos que ligam, do contexto em que se encontram - devendo, então, ser codificadas de alguma forma (segundo a terminologia de Haiman (1983)). Neste caso, elas não serão omitidas. Foi o que ocorreu em (42), por exemplo, que repito:

(42) Mãe, onde é que fica aquela sala bonita que ocê fala tanto nela?

4. Investigações Futuras

Finalizando, desejo salientar que ainda estou à procura de soluções para as questões colocadas. Neste início, no entanto, estou buscando primeiro a especificidade de itens como de, com, para, sob etc, que nossas gramáticas pedagógicas chamam de preposições essenciais. Penso que, na tentativa de conceituar preposição, pos-

so acabar esbarrando, também, no problema da *gradação*, que me levaria ao reconhecimento das características de elementos que poderiam ser arrolados como *preposições típicas* e de outros que se distanciariam dessas pela ausência de um ou outro traço. Ainda não sei ao certo aonde posso chegar. Entrevejo, porém, que, na fase em que me encontro, não partirei de uma categorização como a de Lemle, que arrola numa mesma classe, mais ampla, elementos lexicais como: amavelmente, naturalmente, depressa, ontem etc. de um lado e com, de, a, para etc. de outro. (Cf. Lemle, op. cit., p.250).

Um dos argumentos em que a autora se baseia para alocar os chamados advérbios na classe mais ampla das preposições (que se subdividem em transitivas e intransitivas) é o da distribuição maior de sintagmas preposicionais em relação à de advérbios. Vejamos as citações seguintes:

{...} sintagmas preposicionais e advérbios desempenham papéis semânticos idênticos e ocupam posições sintáticas idênticas. (Lemle (1982:250))

{...} todos os contextos que admitem modificação por advérbio admitem também modificação por sintagma preposicional {...}. (Id., p. 252-3)

O inverso, porém, não é verdadeiro, ou seja, há contextos onde ocorre sintagma preposicional mas não ocorre advérbio. A posição do argumento de nomes, adjetivos e verbos é o caso principal {...}. (Id., p. 253)

Este dado nos conduz a dizer que a classe mais abrangente é a das preposições, ou seja, os advérbios é que constituem uma subclasse das preposições. (Id., p. 254)

Entretanto vejo que o confronto se estabelece entre a distribuição de advérbios e a de sintagmas preposicionais, não preposições. Ora, desconfio que o Prep seja uma locução diferente das outras como: SN, SV, SAdj e SAdv. Nessas há a possibilidade de o termo nuclear, que dá nome ao sintagma, ser o único constituinte da locução. Assim temos SN constituído só de um N, como Paulo; SV constituído só de um V, como morreu; SAdj com adjetivo só, como feliz em um menino feliz; e SAdv com advérbio só, como amavelmente em ele sorriu amavelmente. No entanto, não temos sintagma preposicional constituído de preposição apenas, sem o seu *conseqüente*, em se tratando das *preposições essenciais* de, em, para, com etc. Em exemplos como os de (1) a (4) deste texto, como já vimos, o *conseqüente* é recuperado pelo contexto do discurso ou da situação. Portanto, as chamadas *preposições essenciais* seriam sempre transitivas, para usar a terminologia de Lemle. Ou seja: elas

nunca aparecem como o único constituinte de um sintagma preposicional. Essa diferença parece-me relevante na busca do conceito de preposição e de sua função no discurso.

Observe-se que só teremos sintagmas preposicionais que tenham como único constituinte uma preposição, se alocarmos na classe das preposições, como o faz Lemle, itens como fora, dentro, além, amavelmente, depressa etc., tradicionalmente chamados de advérbios.

Um outro argumento de que a autora se vale para essa classificação, aliás o seu ponto de partida, é o de *superar um incômodo problema que encontramos em nossos compêndios escolares, que é o de que certas palavras, como antes, depois, acima, atrás, além, abaixo, constam de duas listagens separadas: a dos advérbios e a das locuções prepositivas.* (Lemle, op. cit., p. 241). Refere-se a exemplos como:

- (45) a) João dormiu fora.
 b) João dormiu fora de casa.
- (46) a) Einstein foi além.
 b) Einstein foi além de Newton.
- (47) a) Venha para dentro.
 b) Venha para dentro de casa.

Para evitar essa dualidade de classificação, propõe que, em todos os casos, os itens mencionados sejam arrolados como preposições, intransitivas as de (a) e transitivas as de (b). No entanto, essa diversidade de tratamento seria eliminada, também, se houvesse considerado que em todos esses casos haveria advérbios, intransitivos os de (a) e transitivos os de (b). Essa subcategorização estrita dos advérbios é necessária, de qualquer forma, como a própria autora lembra, para dar conta de elementos como - independentemente, separadamente, posteriormente etc - em construções do seguinte tipo:

- (48) a) Explicarei isso a você posteriormente.
 b) Explicarei isso a você posteriormente à posse do ministro.

A vantagem que vejo nessa última análise é a de não considerar a classe das preposições como a mais ampla, nela englobando itens como: amavelmente, separadamente etc, que podem ocorrer como o único constituinte de um sintagma, o que não acontece com os

elementos para, de, com, a, sob etc.

5. Conclusão

Neste estudo, apresentei minhas primeiras tentativas de respostas para as indagações de 1., 2. e 3., da primeira parte, que constituem o objetivo de minha pesquisa.

Assim, procurei descrever, na segunda seção, os contextos em que detectei omissão de preposições, na língua oral, contrariando a seguinte expectativa de Lemle (1982:256):

A possibilidade de nós vazios, que constatamos em todos os outros tipos de sintagmas, não existe no sintagma preposicional. Não há preposição elíptica.

No corpus examinado, as preposições foram elididas nos ambientes lingüísticos abaixo mencionados:

1. com complementos verbais ou nominais topicalizados, em relativas ou não;
2. com complementos nominais ou verbais não-topicalizados, na ordem básica;
3. com os verbos de movimento, quando o complemento adverbial vem topicalizado ou quando ocorre na ordem básica, mas seja representado por dêiticos como: lá, cá etc;
4. com alguns verbos, a freqüente elipse da preposição, na língua oral, sugere-nos que está, inclusive, ocorrendo uma mudança de regência.

A seguir, na terceira parte, apresentei algumas possibilidades de explicação para os fatos observados, apoiando-me em considerações de Pontes (1981) e Haiman (1983). Os dados analisados sugeriram que a elipse de certas preposições em português, em contextos como os descritos acima, provavelmente se deva ao fato de essas preposições serem, de alguma forma, previsíveis nesses ambientes. Portanto, podem ser omitidas sem causar prejuízo para a comunicação, porque as relações que estabeleceriam entre os elementos por elas conectados são preservadas por uma das seguintes razões:

1. a preposição é o único regime do verbo ou do nome;
- ou
2. o contexto discursivo ou pragmático é suficiente para recuperar a relação que seria codificada pela preposição elidida.

Finalmente, na última seção, iniciando a busca do conceito de preposição e da especificidade dos itens léxicos tradicionalmente conhecidos como *preposições essenciais*, argumentei contra a categorização de Lemle (op. cit., p. 250-4), que os arrola numa mesma classe, mais ampla, que engloba também os elementos que nossas gramáticas pedagógicas denominam advérbios.

NOTAS

1. Este trabalho foi apresentado no IX Encontro Nacional de Linguística, realizado na PUC/RJ de 5 a 8 de novembro de 1984. Agradeço à Profa. Eunice Pontes o apoio e a orientação segura; à Profa. Anilce Maria Simões, as sugestões valiosas e o incentivo constante aos meus estudos.
2. A numeração de exemplos de outros autores, que cito neste texto, é minha.
3. Embora não tenha, ainda, um conceito definitivo de preposição, a elipse a que me refiro é a de alguns itens léxicos tradicionalmente classificados como *preposições essenciais*.
4. Estou usando os termos complemento e topicalização em sentido amplo. O primeiro refere-se tanto aos chamados *adjuntos* na terminologia das gramáticas pedagógicas, como aos *complementos* em sentido mais estrito. Já o segundo engloba todos os casos de deslocamento para a esquerda, incluindo também a *relativização*.
5. Coloco entre parênteses as preposições que deveriam ocorrer nos exemplos citados, de acordo com o sentido da comunicação.
6. Coloco em, e não a, como a preposição que foi omitida, porque estes dados são de língua oral espontânea, e, nessa modalidade de língua, o verbo ir é usado com em.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA Jr., J. M. (1964). Dicionário de Filologia e Gramática. Rio de Janeiro, J. Ozon.
- HAIMAN, J. (1983). Iconic and Economic Motivation. In: Language (59): 781-819.
- LEMLE, N. (1982). Análise Sintática - Teoria e Ensino. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- NASCENTES, A. (1967). O Problema da Regência. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos.
- PONTES, E. (1981). Da importância do tópico em português. In: Anais do V Encontro Nacional de Linguística, Vol. II, PUC/RJ.